

VISÃO DO CORREIO

Igualdade na educação é dever a ser cumprido

O Brasil guarda nas escolas um dos retratos mais cruéis de sua desigualdade histórica. O ensino, único caminho seguro para a transformação, ainda carrega barreiras que impedem o desenvolvimento, e o que está presente nas salas de aulas aparece, também, de norte a sul do país.

Segundo dados da Pnad Contínua Educação, divulgados pelo IBGE no último dia 15, a taxa de analfabetismo ficou abaixo de 5% pela primeira vez desde o início da série, em 2016. Apesar do avanço, a pesquisa aponta questões a serem resolvidas e traz um alerta preocupante: um em cada quatro jovens entre 14 e 19 anos afirma que não tem nenhum interesse em estudar — são 8,1 milhões deles que não se qualificam.

De acordo com o relatório, 8,4 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não sabiam ler e escrever em 2025 — o que corresponde a 4,9% da população. Em 2024, a taxa era de 5,3%, número que representa uma redução de cerca de 592 mil analfabetos em um ano. O problema é que o quadro segue apresentando fortes diferenças regionais, raciais e etárias, além do descaso da juventude com o ensino.

O levantamento do IBGE confirma que é preciso encarar um impasse social vergonhoso, perigoso e que tem perfil definido. Mais da metade dos analfabetos do país está no Nordeste: 4,8 milhões de pessoas, o equivalente a 57,4% do total nacional. Já as desigualdades raciais também permanecem expressivas. Entre os brasileiros de 15 anos ou mais, 2,8% dos brancos eram analfabetos em 2025, contra 6,5% dos pretos ou pardos.

Na população de 60 anos para a frente, a distância ficou ainda maior: a taxa foi de 7,3% entre brancos e de 20,6% entre pretos ou pardos. Entre os idosos, um dos desafios é promover a busca de todos os que não tiveram a oportunidade de frequentar um colégio e, ao mesmo tempo, mostrar que

ainda há tempo. Em 2025, essas pessoas representavam 58% dos analfabetos — 4,8 milhões que não sabiam ler e escrever um bilhete simples.

Esse retrato do Brasil precisa ser colocado sobre a mesa e debatido. Os erros cometidos no passado têm de ser eliminados do processo, e formas eficientes devem começar a fazer parte do conteúdo voltado para a igualdade do ensino. Para garantir o projeto de futuro com desenvolvimento e competitividade global, o primeiro passo é não aceitar que o jovem deixe de acreditar no poder da educação como ferramenta para melhorar de vida e ajudar a construir uma sociedade justa.

O direito à educação, garantido pela Constituição de 1988, não pode ser uma loteria baseada no endereço, na raça, na idade e na renda. Acabar com os abismos não é apenas um imperativo moral: é a única saída para o país escapar da armadilha de seguir amarrado a uma condição muito aquém de sua capacidade.

Para transformar essa realidade, o ponto de partida tem de ser uma mudança na lógica de investimentos e de políticas públicas. Redistribuir os recursos, enfrentar a desvalorização sistemática dos professores, expandir as escolas em tempo integral em locais de alta vulnerabilidade social e fortalecer o ensino técnico integrado ao nível médio são medidas fundamentais.

A educação é um dos investimentos mais estratégicos, e garantir isso é um dever que o país ainda precisa cumprir. As desigualdades históricas, que seguem custando caro para os brasileiros, não podem se somar à desmotivação que a pesquisa do IBGE escancara. A experiência já mostrou que não se alcança uma sociedade saudável e produtiva sem colocar a educação como prioridade. Nesse quesito, o Brasil precisa se esforçar se quiser atingir o conceito máximo.



PATRICK SELVATTI
patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

Pertencimento efêmero

Em 13 de junho, antes do apito inicial do jogo de estreia contra o Marrocos na Copa do Mundo 2026, o Brasil já tinha vencido algo importante. Basta caminhar pelas ruas, abrir as redes sociais ou observar as mesas dos bares para perceber que, mais uma vez, a Seleção Brasileira conseguiu fazer aquilo que poucas instituições ainda conseguem: reunir um país inteiro em torno de um mesmo assunto. Gente que discorda de tudo encontra um raro ponto de convergência. Durante 90 minutos, diferenças políticas, religiosas, econômicas e culturais parecem perder espaço para uma esperança compartilhada.

É um fenômeno curioso. Em tempos de algoritmos que segmentam opiniões e de uma sociedade cada vez mais fragmentada, o futebol ainda produz encontros. Não resolve os problemas do Brasil, evidentemente, mas lembra que eles pertencem a uma mesma nação.

É justamente por isso que o confronto contra o Japão, hoje, carrega um significado que vai além da classificação. Nesta fase do mata-mata, a vitória prolonga o sonho, mas uma eventual derrota não pode significar o fim desse raro estado de espírito coletivo.

Porque, se o Brasil for eliminado agora, o país voltará rapidamente à programação normal. As bandeiras desaparecerão das janelas, as conversas migrarão para outros assuntos, as provocações darão lugar às críticas, e a união dará espaço, novamente, às divisões que nos acompanham diariamente. É um roteiro conhecido: a paixão nacional costuma ser intensa, mas também efêmera.

Talvez, esteja aí uma oportunidade de reflexão. Por que somos capazes de vestir a

mesma camisa apenas quando ela tem o escudo da Seleção? Por que o sentimento de pertencimento precisa depender exclusivamente do resultado de um jogo?

A Copa do Mundo evidencia que o brasileiro ainda deseja fazer parte de algo maior. Ainda gosta de celebrar coletivamente, de ocupar as ruas, de cantar junto, de acreditar que a vitória de 11 jogadores também lhe pertence. Esse desejo é legítimo e profundamente humano. O desafio é impedir que ele desapareça junto com uma eliminação.

Manter esse calor exige ampliar o conceito de torcida. Vai além de Vini Jr., Neymar, Endrick... É apoiar o esporte brasileiro durante os quatro anos que separam uma Copa da outra. É acompanhar as seleções femininas e de base. É valorizar atletas olímpicos, projetos sociais, clubes locais e iniciativas que transformam o esporte em ferramenta de educação e cidadania. É entender que o orgulho nacional não precisa existir apenas quando há uma taça em disputa.

Se o Brasil vencer o Japão, o país seguirá embalado pelo sonho do hexacampeonato — e que assim seja. Mas, se a eliminação vier, talvez o verdadeiro teste comece justamente depois do apito final. Será a oportunidade de provar que nossa capacidade de caminhar juntos é maior do que a duração de um Mundial.

A Copa passa, porém, o sentimento de pertencimento deveria permanecer. Porque um país que só consegue se reconhecer quando a bola rola desperdiça uma das suas maiores virtudes: a extraordinária capacidade de se unir quando encontra uma causa comum. O desafio do Brasil é descobrir que essa causa pode existir muito além dos gramados.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Penduricalhos

Estão de volta as letrinhas mágicas de um tesouro que os magistrados adoram: penduricalhos. De acordo com o **Correio Braziliense** de 27 de junho, ministros do Supremo Tribunal Federal(STF) descobriram brechas para “flexibilizar as restrições impostas anteriormente sobre as verbas indenizatórias, os chamados “penduricalhos”, pagos a juízes e membros do Ministério Público (MP)”. Os novos e bem-vindos benefícios serão retroativos, antes de março deste ano, quando a Suprema Corte restringiu este benefício”, salienta a matéria do **Correio**. Vida boa, alegre e bolso forrado. Para eles.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Aberração histórica

Lendo reportagem no **Correio Braziliense** de 24 de junho, há motivos de desconfiança nas atitudes do magnata Edir Macedo, dono de empresas multinacionais. Rivaliza com as “bigtechs”, que se preconizam também como suspeitas. O banqueiro em questão, talvez, nem pague imposto de renda corretamente. Ele prega o verbo temer a Deus, e não o verbo amar a Deus. Isso é um golpe de “marketing” para iludir aqueles que nem se dão conta que estão sendo iludidos. A justiça é lerda, mas não falha. Ele merece ser como outros que cometem o mesmo delito. Pobres evangélicos que, além de isentos de culpa, iludem-se com tanta enganação. Esses, que muitas vezes se encontram impossibilitados de manter suas contas em dia. É lamentável, também, tamanha aberração, que Nosso Senhor não apoia.

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul

O Brasil tem solução

O Brasil dispõe de um número suficiente de leis. Não carece de ampliar a sua quantidade. Basta obedecê-las. Países que outrora estavam em situação piores do que o Brasil — Coreia do Sul e Cingapura, por exemplo — saíram da pobreza extrema e, hoje, são praticamente do primeiro mundo. A mágica foi propiciar educação de qualidade, e todo criminoso é punido e cumpre a pena. O resto veio por acréscimo. Aqui, a educação deixa a desejar, e até a nossa lei maior, a Constituição, é transgredida impunemente. Para virar o jogo, educação e segurança jurídica fazem parte do processo.

» **Humberto Schwartz Soares**
Vila Velha (ES)

Piscina com ondas

Mais uma obra pública paralisada. Agora é a da piscina com ondas. Como todos nós sabemos, GDF e empreiteira acertam o valor inicial da obra, aí começam as paralisações por vários motivos, segundo a empresa contratada. Na realidade, essa prática é comum porque a contratada passa a pedir reajuste sobre o valor inicial, o famoso aditivo. No final da obra, a maioria de péssima qualidade, pagaremos três vezes o valor acordado no início do contrato. O viaduto do Eixão Norte, se o GDF tivesse demolido e construído, teria gastado menos do que pagou.

» **Sebastião Machado Aragão**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Não existe briga, existe um teste com o nome de Michele caso o nome de Flávio derreta nas campanhas por conta do Banco Master. São amigos do mesmo jeito. Isso é estratégia da família Bolsonaro.

Marcelo José Luiz — Brasília

Lei do Silêncio: para quem sofre com o barulho, é questão de sobrevivência; para quem não sofre, é coisa de cidade intolerante. O certo é que tanto as leis quanto a fiscalização precisam ser ajustadas.

Marlon Barros — Cruzeiro

Se a Seleção Brasileira tivesse 50% da raça que a de Cabo Verde tem em campo, era 100% certo de que seria hexacampeã!

Manoel Batista — Rio de Janeiro

Hoje é dia de torcer muito pela nossa seleção! Com Vini Jr. em campo, Brasil vence de goleada. A caminhada rumo ao hexa continua! Avante, Brasil!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Idosos merecem respeito

Poucas dores são tão profundas quanto a de um idoso agredido dentro da própria casa por quem deveria cuidar dele. O silêncio dessas vítimas é medo de abandono, de retaliação, de ficar sozinho no mundo depois de uma vida inteira dedicada à família. Muitos idosos suportam humilhações, empurrões, xingamentos e chantagens para não perder o pouco de afeto que ainda acreditam ter. A dependência emocional e financeira vira prisão. É a vergonha, companhia diária. Essa violência não aparece nas estatísticas, mas se esconde atrás de portas fechadas, de desculpas prontas, de sorrisos forçados. Enquanto isso, o país envelhece sem oferecer proteção à altura. Idoso é história viva e merece respeito, cuidado e dignidade.

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Copa do Mundo

Como não se emocionar com a comemoração da torcida norueguesa na Copa do Mundo? É impossível. A sintonia entre torcedores e jogadores é simplesmente deslumbrante. Espero que a seleção da Noruega tenha vida longa nesta Copa — ao menos até cruzar o caminho da nossa. Que ela continue nos brindando com espetáculos dentro e fora de campo, sempre em perfeita harmonia com sua torcida. Avante, Noruega! Mas não tanto.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotograficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br